

Chico Pinga

Chegou à noite, brilharam as luzes elétricas na Praça Zequinha de Abreu. A cadeia pública, ficava em frente à praça, na esquina da Av. Severino Meirelles e Rua Monsenhor Porfírio. O delegado de polícia era o Dr. José Pereira de Abreu, pai do grande astro José de Abreu, consagrado nas novelas da Rede Globo, e nos filmes nacionais, santarritense de corpo e alma.

Todos os sábados, quando o negrume da noite fazia-se presente, havia um movimento nas portas da cadeia, o que podia ser observado pelos frequentadores da praça, foi quando tomei conhecimento das prisões de pessoas embriagadas.

O Dr. Abreu dará ordem à polícia para prender na cadeia todas as pessoas que fossem encontradas bêbadas, deitadas no chão e nos bancos públicos. Este procedimento tornou-se rotineiro. Normalmente nos sábados, estas pessoas eram presas, passavam o fim de semana na cadeia e na segunda-feira de manhã eram soltas indo cada uma para seu o destino.

Certo dia o Dr. Abreu aposentou-se e um novo delegado de polícia foi nomeado e tomou posse, mas o carcereiro continuou o mesmo, o Sr. Juvenal Pontes, acostumado aos velhos costumes, continuou com os mesmos procedimentos.

Certa tarde, quando o sol se desfazia no horizonte, numa dessas tardes frias santarritenses, um homem negro, magro, dentes alvos, simpático, com a camisa branca desabotoada para fora das calças, descia pela Av. Severino Meirelles, um tanto embalado pelas doses de pinga tomadas nos bares, ao longo do dia.

Os jovens que os encontravam faziam-lhe festa e o chamavam de Chico Pinga e ele num sorriso largo retribuía os gracejos a ele endereçados.

Eu particularmente o conhecia como Chico Preto e já o havia visto embriagado muitas vezes. Ele morava na fazenda Santo Antonio, na baixada da serra do Fubazeiro, e, fora a bebida, era um homem de respeito, trabalhador, honesto e mais muito humilde.

Naquele mesmo dia, após meio período de trabalho, Chico veio à cidade, fez os seus primeiros passeios e, como de costume, tomou umas e outras, embriagou-se, deitou-se no banco da praça e ali foi abordado pela polícia e preso.

Ao chegar à cadeia cambaleando, o Sr. Juvenal indagou:

- Outra vez, Chico! Será possível! Você não se emenda! Todo fim de semana você me aparece por aqui. Não vê que as coisas estão mudando? O Dr. Abreu era muito bom, tolerante e amigo, mas o delegado novo já está espanando e disse que não quer mais saber desse monte de gente presa no sábado para dormir e filar a boia na cadeia e, na segunda-feira, sair como se nada tivesse acontecido. O Dr. Delegado pediu-me ontem para recolhê-lo, mas segunda-feira ele quer falar com você e com os outros bêbados, quando todos estarão lúcidos e entenderão as novas ordens.

Passado o fim de semana, o Sr. Juvenal chamou um a um dos que foram soltos e endereçados ao Sr. Delegado, até que chegou a vez do Chico:

- O que o Senhor deseja de mim, Doutor?

O Delegado olhou sério para o Chico e perguntou:

- Como é seu nome?

- Eu me chamo Francisco de Assis, mas a turma me chama de Chico Pinga.

- Por quê?

- Porque eu gosto de uma pinguinha.

- Por falar em pinga, quero dizer-lhe que este é o motivo dessa conversa. Não aguento mais toda a semana este monte de pingaiada, filando boia, banho e cama aqui na cadeia.

- Doutô, pode crer, eu sou uma pessoa do bem. Trabalho a semana inteira desde o raiar do dia até escurecer e, quando chega sábado, venho à cidade para espriar-me e tomar umas pinguinhas.

- Sr. Francisco, o assunto é muito sério, o Sr. precisa saber que a pinga estraga a sua saúde e liquida com a sua credibilidade.

- O que eu posso fazer, Doutô?

- Senhor Francisco, vamos acabar com essas pingas!

- Mas, Doutô!...Eu sozinho...?!

- Vá embora, Chico. Saia da minha frente!